

**Futuros fracassados: São Paulo e Caracas
vistas por Nova Iorque em meados do século XX**

*Futuros fallidos: São Paulo y Caracas
vistos desde Nueva York a mediados del siglo XX*

E4_02 Perspectivas teóricas, conceptos y métodos para la historia urbana.

Bruno de Macedo Zorek

Universidade Estadual de Campinas, Brasil
bruno.zorek@gmail.com

Resumo: Neste artigo, minha intenção é discutir uma proposta de pesquisa, sobretudo os aspectos teóricos e metodológicos de sua construção. Em meados do século XX, Nelson Rockefeller era um político famoso e um dos homens mais ricos do mundo, enquanto Robert Moses vivia o auge de sua carreira no urbanismo e era conhecido internacionalmente como o “mestre construtor” de Nova Iorque. Em parceria, ambos trabalharam na elaboração de planos de urbanização para duas importantes cidades latino-americanas: Caracas, na Venezuela, e São Paulo, no Brasil. Nos dois casos, as empreitadas fracassaram, mesmo contando com os poderosos recursos que Moses e Rockefeller tinham à disposição e efetivamente mobilizaram. Minha preocupação, no momento, é desenvolver uma abordagem comparativa para analisar esses fracassos. No centro do estudo, estão as elites dirigentes e intelectuais caraqueñas e paulistanas, que reagiram de maneira similar às iniciativas dos empreendedores estadunidenses – tanto nos eventuais apoios quanto nas críticas e distanciamentos. Assumindo os planos de urbanização assinados por Moses como representações do futuro das cidades em questão e a presença de Rockefeller e suas empresas na América do Sul como um elemento ambíguo nas tensas relações políticas, econômicas e culturais que os estadunidenses estabeleciam com as elites locais, a proposta é descobrir que significados esses processos tiveram para Caracas, São Paulo e para uma ideia mais geral de “cidade latino-americana.” Através de uma abordagem que pretende conectar pelo menos três cidades – Caracas, São Paulo e Nova Iorque –, que cruza não só fronteiras nacionais, mas também disciplinares, este artigo se propõe a discutir um projeto de pesquisa cujo objetivo é contar a história das acidentadas tentativas de emplacar um modelo nova-iorquino de desenvolvimento urbano em metrópoles sul-americanas.

Palavras-chave: São Paulo, Caracas, Nova Iorque, Robert Moses, Nelson Rockefeller

Resumen: *En este artículo, mi intención es discutir una propuesta de investigación, en particular los aspectos teóricos y metodológicos de su construcción. A mediados del siglo XX, Nelson Rockefeller era un político famoso y uno de los hombres más ricos del mundo, mientras que Robert Moses se encontraba en la cima de su carrera en planificación urbana y era conocido internacionalmente como el "maestro constructor" de Nueva York. Juntos, trabajaron en el desarrollo de planes urbanos para dos importantes ciudades latinoamericanas: Caracas, en Venezuela, y São Paulo, em Brasil. En ambos casos, los proyectos fracasaron, incluso con los poderosos recursos que Moses y Rockefeller tenían a su disposición y movilizaron eficazmente. Mi objetivo, en este momento, es desarrollar un enfoque comparativo para analizar estos fracasos. En el centro del estudio se encuentran las élites gobernantes e intelectuales de Caracas y São Paulo, quienes reaccionaron de manera similar a las iniciativas de los empresarios estadounidenses – tanto en su apoyo final como en su crítica y distanciamiento. Partiendo de los planes de urbanización firmados por Moses como representaciones del futuro de las ciudades en cuestión y de la presencia de Rockefeller y sus empresas en Sudamérica como un elemento ambiguo en las tensas relaciones políticas, económicas y culturales que los estadounidenses establecieron con las élites locales, la propuesta es descubrir qué significados tuvieron estos procesos para Caracas, São Paulo y para una idea más general de "ciudad latinoamericana". A través de un enfoque que busca conectar al menos tres ciudades – Caracas, São Paulo y Nueva York – y que trasciende fronteras nacionales y disciplinarias, este artículo propone discutir un proyecto de investigación cuyo objetivo es narrar la historia de los problemáticos intentos de implementar un modelo nuevayorquino de desarrollo urbano en metrópolis sudamericanas.*

Palabras-clave: *São Paulo, Caracas, Nueva York, Robert Moses, Nelson Rockefeller*

Introdução

Este artigo apresenta um projeto de pesquisa. Portanto, menos do que resultados, a ideia é explorar as propostas teórico-metodológicas elaboradas para comparar dois casos concretos, que serão discutidos a seguir.¹

No final dos anos 1940, uma empresa privada dos EUA interpelou autoridades de algumas cidades latino-americanas, disponibilizando seus serviços para a promoção de intervenções urbanas de grande escala nos territórios em questão. A empresa, IBEC Tech – International Basic Economy Corporation, Technical Services –, ofereceria uma equipe de especialistas para estudar cada caso e desenhar planos de urbanização, com o intuito de resolver os principais problemas dessas cidades e promover sua modernização, de acordo com um padrão estadunidense de desenvolvimento urbano. Além disso, se tudo corresse bem nas etapas iniciais, a empresa se dispunha a auxiliar nas implementações efetivas dos planos – o que, potencialmente, seria bastante lucrativo. As negociações avançaram para além das primeiras conversas em dois casos: São Paulo, no Brasil, e Caracas, na Venezuela. Inclusive, tanto paulistanos quanto caraqueños se mostraram entusiasmados com as propostas que lhes foram apresentadas, sobretudo depois de ser revelado que Robert Moses, famoso no mundo do urbanismo como o “mestre construtor” de Nova Iorque, estaria na liderança dos projetos (González, 1996a; Leme, 2011).

O dono da IBEC era ninguém menos que Nelson Rockefeller – um político estadunidense bastante conhecido, empresário de sucesso e herdeiro de uma grande fortuna, que lhe garantia a prerrogativa de ser um dos homens mais ricos do mundo naquele momento. Não bastasse isso, Rockefeller ocupou um alto posto no corpo diplomático dos EUA (Assistant Secretary of State for American Republic Affairs) entre 1944 e 1945, no final da administração Roosevelt e início da Truman (Tota, 2014). Por conta dessa experiência, o milionário criou laços com membros importantes das elites dirigentes de Caracas e São Paulo, cidades que visitou enquanto diplomata. Os contatos estabelecidos nessas ocasiões, portanto, facilitaram a aproximação entre a sua corporação e as autoridades de ambas as cidades. Na outra ponta das negociações, também foi Rockefeller quem convenceu Robert Moses a assumir a chefia das equipes – um feito considerável, dada a imensidão de tarefas em que Moses estava imerso nas obras em Nova Iorque (Ballon; Jackson, 2007). O envolvimento direto de Rockefeller nessas articulações deveria ter garantido a seus interlocutores, pelo menos supostamente, que não haveria falta de capitais (financeiro e político), redes de contato e influência, expertise ou recursos humanos para a condução dos trabalhos. Ainda assim, os dois projetos eventualmente falharam – e, curiosamente, de maneira similar. No começo, ambas as histórias seguiram caminhos suaves, desde os primeiros contatos, durante os processos legislativos, passando pela realização das pesquisas de campo, até a entrega dos projetos urbanísticos – tudo indicava que as iniciativas seriam bem sucedidas. Depois disso, no entanto, os caminhos se tornaram difíceis e acidentados. Nem Moses, Rockefeller ou os representantes da IBEC foram capazes de navegar com suficiente acerto pelos cenários complexos que se desenharam a partir de então e, portanto, não conseguiram implementar suas propostas.

Esses fracassos, é verdade, não foram absolutos. A IBEC esteve envolvida em empreendimentos urbanísticos que efetivamente tiveram êxito nos contextos em questão. Emblemática, por exemplo, é a construção do Hotel Ávila, em Caracas, cujo projeto se tornou uma referência

¹ Esta pesquisa conta com financiamento Capes (PIPD, processo: 88887.131108/2025-00) e está vinculada ao Programa de Pós-graduação em História da Universidade Estadual de Campinas.

paradigmática do “estilo internacional” em ambientes tropicais e foi assinado pelo importante arquiteto Wallace Harrison (González, 1996b). Um sucesso relativo foi a proposta de urbanização das margens do rio Pinheiros, em São Paulo, encomendada pela Companhia de Bondes e Eletricidade de São Paulo, a Light, e assinada justamente por Robert Moses (Siwi, 2014). Embora não tenha sido implementada, foi a partir desta iniciativa que a IBEC angariou o apoio da prefeitura da capital paulista para ampliar seu escopo e propor um projeto de reforma urbana para toda a cidade (Campos; Somekh, 2008).

Ainda assim, os grandes planos urbanísticos propostos para Caracas e São Paulo não foram levados adiante após a entrega de seus respectivos projetos. Coincidentemente, nos dois casos, houve importantes transformações políticas que frearam a empolgação inicial encontrada pelos estadunidenses. Na Venezuela, um dos apoios fundamentais à reforma de sua capital vinha da presidência do país que, em 1948 – mesmo ano em que Moses entregou seu projeto –, passara a ser ocupada pelo recém-eleito Rómulo Gallegos, entusiasta da proposta. No entanto, alguns meses após assumir o cargo, Gallegos foi derrubado por um golpe de estado que estabeleceu um regime ditatorial de direita na Venezuela, bastante repressivo, passando o governo a ser exercido por uma Junta Militar (González, 1996a). Em São Paulo, por sua vez, o projeto de Moses foi encomendado por um governo estadual e uma prefeitura sob a administração do importante político populista Adhemar de Barros – famoso por realizar muitas obras públicas nas suas gestões e, inclusive, identificado pelo mote ambíguo “rouba mas faz”. Contudo, nas eleições de 1950, ano da entrega da proposta de Moses, houve um racha no adhemarismo com a vitória nas urnas dos dissidentes do movimento, que passaram a governar o estado e a cidade de São Paulo (Zorek, 2024). Os proponentes das reformas urbanas contavam com a simpatia dos derrotados em ambas as conjunturas, enquanto os novos governantes olhavam com desconfiança para esses projetos, quando não por outros motivos, simplesmente por terem sido concebidos nas gestões de seus adversários políticos.

Mas, de fato, havia também outros motivos. Desde o início das tratativas, tanto em Caracas quanto em São Paulo, arquitetos e urbanistas locais se mostraram divididos entre apoiadores e críticos dos projetos. Entre os adversários das propostas, era patente o incômodo com a escolha de profissionais estrangeiros para capitanear as reformas, em vez de se priorizar os especialistas nativos, que teriam conhecimentos muito mais consistentes sobre as realidades em questão. Havia também críticas aos projetos em si, considerados insuficientes, inadequados ou falhos – conforme uma variedade de perspectivas que, na verdade, revelavam a heterogeneidade do pensamento urbanístico nos dois países considerados.² Ainda na mesma esteira, Moses foi acusado de falta de originalidade ou mesmo de plágio, por supostamente ter se apropriado e reciclado planos anteriores, sem acrescentar nada de significativamente novo – Moses teria usado como base de seu projeto para Caracas o *Plano Rotival*, de 1939, e, para o projeto de São Paulo, o *Plano de Avenidas*, de 1930 (González, 1996b; Leme, 2011). Portanto, sem contar o “azar” derivado da conjuntura política, determinados setores das elites políticas e intelectuais caraqueñas e paulistanas ofereciam forte resistência à implementação das ideias de Moses, explicitavam diversas fragilidades das suas propostas e, muito provavelmente, teriam a capacidade de dificultar o encaminhamento dos projetos mesmo em conjunturas mais favoráveis aos estadunidenses.

² Maria Cristina Leme sintetiza os debates em São Paulo, mostrando desde as posições mais antagônicas a Moses, como a de Oswaldo Bratke, presidente da seção São Paulo do Instituto de Arquitetos do Brasil, ou a de Leo Ribeiro de Moraes, passando por críticas amenas, como as de Prestes Maia, e chegando aos elogios, como os dos engenheiros Henrique Neves Lefevre e Ranulpho Pinheiro Lima (Leme, 2011, p. 202-203). Enquanto Lorenzo González discute as resistências a Moses em Caracas, especialmente em sua tese de doutorado (González, 1996a).

No final das contas, os projetos em questão acabaram engavetados. Ainda assim, elementos presentes em suas propostas foram implementados em Caracas e em São Paulo em momentos posteriores, mas sem a direção do “mestre construtor” de Nova Iorque ou a participação da empresa de Rockefeller. A IBEC, cuja concepção original era a de um empreendimento focado no desenvolvimento rural para países semi ou não-industrializados, foi aos poucos abandonando a aventura urbanística e retomando sua mais bem sucedida trajetória anterior, com a promoção de mecanização agrícola, produção de sementes, técnicas de plantio, armazenamento e transporte de produtos agropecuários, financiamento de atividades nesses setores e diversas outras iniciativas relacionadas (Prestes Maia, 1951).³ Embora, especialmente desde o fim da II Guerra Mundial, o futuro das grandes cidades sul-americanas estivesse inexoravelmente vinculado a modelos urbanos estadunidenses, a participação direta de agentes originários dos EUA na transformação dessas metrópoles, pelo menos nos casos de Caracas e São Paulo de meados do século XX, parecia ser dificultada por obstáculos significativos – desde as instabilidades políticas locais, passando pela desconfiança em relação aos projetos apresentados, e chegando na multiplicidade de concepções de cidades que as elites intelectuais caraqueñas e paulistanas elaboraram em oposição às ideias de Moses.

Abordagem teórico-metodológica

O potencial heurístico do exame das interações de Rockefeller, Moses e IBEC Tech com as elites dirigentes de Caracas e São Paulo é promissor e possui diversas camadas. Em primeiro lugar, este estudo permite uma comparação especialmente robusta entre as duas cidades sul-americanas, com uma importante triangulação com Nova Iorque. No entanto, diversos autores, entre eles Grecco e Albernaz (2019), chamam a atenção para os complexos desafios enfrentados pela perspectiva comparada. Um dos problemas frequentes dessa abordagem é padecer da dificuldade em se encontrar critérios transversais a todos os cenários em questão e que sejam, ao mesmo tempo, efetivamente consistentes para sustentar as análises. Nos piores casos, ou os fatores considerados decisivos para a compreensão de um dado contexto são muito diferentes daqueles que explicam as demais situações em comparação, ou só é possível estabelecer aproximações muito genéricas e superficiais entre os elementos. De tal forma que as conclusões desses estudos tendem a enfatizar no máximo semelhanças estruturais entre as realidades comparadas, marcadas, enfim, por desenvolvimentos específicos muito distintos. Mas, na proposta aqui apresentada, o fator Moses-Rockefeller-IBEC ancora a comparação em dinâmicas bastante concretas, permitindo aproximar e distanciar Caracas e São Paulo entre si a partir da atuação dos agentes destacados, presentes nas duas cidades quase ao mesmo tempo.

Em contraste, se os estudos comparados eventualmente falham pelos motivos explicitados acima, o mergulho em uma realidade isolada pode conduzir a uma série de problemas, que vão desde as teses excepcionalistas, passando pelo exclusivismo analítico e chegando até a teleologia nacionalista (Wimmer; Schiller, 2002; Sassen, 2010). O arranjo aqui desenhado evita, de saída, os riscos tradicionais do nacionalismo metodológico, como os mencionados, justamente porque

³ De fato, a atividade fundamental da IBEC era o desenvolvimento rural. No entanto, com o passar dos anos, foram criados braços que abarcaram outras áreas. A IBEC Housing, por exemplo, investiu na construção de conjuntos habitacionais em diversos países da América Latina (Dias, s/d). A IBEC Tech se dedicou às iniciativas urbanísticas, como as discutidas aqui, mas também trabalhou com redes de armazéns, shoppings e supermercados. (González, 1996b, p. 72).

ênfatiza as conexões entre Caracas, São Paulo e Nova Iorque, e opta por uma metodologia informada pelos debates empreendidos nos campos da História Conectada, da História Global, da História Cruzada e da História Transnacional (Werner; Zimmermann, 2006; Benthien, 2020; Duara, 2002). Isto é, esta proposta leva em conta a extrema porosidade das realidades nacionais, que os agentes sociais de diferentes países circulam, dialogam e trocam entre si, de acordo com lógicas, embora condicionadas, também irreduzíveis às suas origens nacionais, e que, na verdade, é especialmente produtivo pensar a história das cidades contemporâneas a partir de conexões internacionais, dado o longo processo de globalização que caracterizou os últimos séculos.

O enquadramento geral oferecido pelas perspectivas transnacionais é afunilado nesta pesquisa através da análise das representações das cidades produzidas nos debates em questão. A relevância de se considerar a dimensão representacional nos estudos históricos vem ganhando força desde pelo menos a década de 1990, com trabalhos como os de Roger Chartier (1991), e continua crescente, como demonstra a recente coletânea organizada por Marlise Meyer e Rosane Neumann (2022). Nos estudos urbanos, esse enfoque tem um desenvolvimento próprio, no qual as ideias de Chartier avançam para formulações como a de Adrián Gorelik, que considera “que la ciudad y sus representaciones se producen mutuamente” (Gorelik, 1999, p. 2).⁴ Este arquiteto e historiador argentino ainda propõe que, na segunda metade do século XX, houve a consolidação da “cidade latino-americana” como uma figura central da imaginação social no pensamento urbano, nas ciências humanas e em outras áreas. No entanto, não como uma “cidade real” (embora sempre referenciada por casos concretos), mas sim como um artefato da inteligência, uma categoria do pensamento, em torno da qual uma série de representações do passado, do presente e, sobretudo, do futuro das cidades do continente foram criadas, desenvolvidas e problematizadas – em um intenso debate que contou com uma forte presença de intelectuais dos EUA (Gorelik, 2022, p. 7). Os casos que este projeto examina se valem das reflexões de Gorelik e têm o potencial de aprofundar e desenvolver os significados da cidade latino-americana enquanto figura da imaginação social do século XX, a partir desses sujeitos, cidades e instituições.

Aqui, os projetos assinados por Moses são as peças centrais do exame proposto. Esses projetos, derivados de referências urbanísticas cruzadas – sul e norte-americanas, no mínimo, mas europeias também –, são essencialmente *representações do futuro* de Caracas e São Paulo, sobretudo se o recorte estiver, como é o caso, no momento da publicação desses documentos. Portanto, além de produzirem as cidades no sentido destacado por Gorelik, os planos de Moses também se constituíram em elementos fundamentais do *horizonte de expectativas* dessas sociedades (Koselleck, 2006). Além disso, esses projetos *presentificaram* determinados futuros, ou seja, condensaram energias sociais de tal forma que diversos agentes diretamente envolvidos nos processos passaram a organizar suas estratégias *como se* as realizações dos planos urbanísticos fossem realidades já dadas (Bourdieu, 2007) – aproximando, portanto, o horizonte de expectativas em questão do presente experienciado pelos agentes. O fato de que ambos os projetos fracassaram adiante no tempo torna os casos ainda mais interessantes, pois permite analisar a mobilização de diversos tipos de capitais, sua desmobilização subsequente, as frustrações associadas, bem como o seu eventual redirecionamento para outros empreendimentos.

Ainda que de forma idealizada, o “mestre construtor” de Nova Iorque previa Caracas e São Paulo como metrópoles gigantescas, modernas e verticalizadas, com muitos viadutos e estradas suspensas, trânsito veloz e desimpedido, além de uma indústria poderosa – um futuro imaginado

⁴ Para uma elaboração colaborativa dessa perspectiva, cf. Gorelik; Peixoto, 2016.

em diálogo com aquele proposto para Nova Iorque e cuja implementação estava em curso graças às incessantes reformas ali realizadas.⁵ Os valores que acompanhavam estas projeções enfatizavam, evidentemente, a modernidade e a urbanização – em contraste, portanto, com valores advindos de um mundo tradicional e rural. Embora houvesse uma tendência crescente à urbanização e um desejo pela modernidade frequentemente manifestado pelas lideranças políticas, é interessante observar que, naquela conjuntura, tanto a Venezuela quanto o Brasil eram países ainda predominantemente rurais.⁶ Por isso, as tensões, contradições e contaminações entre os ambientes rurais e urbanos precisam ser consideradas também nesta pesquisa.

Já naquele momento, intelectuais como Florestan Fernandes (1954) chamavam a atenção para o complexo e problemático processo de desestruturação da sociedade tradicional e sua reestruturação moderna. Multifacetado, este processo se revelava, por exemplo, na transformação radical das relações trabalho (no Brasil, da escravidão para o trabalho livre e assalariado); na política, vivia-se acidentadas transições para regimes democráticos (com avanços e retrocessos constantes); valores cosmopolitas, capitalistas e individualistas ganhavam espaço e contrastavam com os tradicionais provincianismos, com formas mais coletivistas de organizar a economia e com a homogeneidade cultural das comunidades rurais; e, enfim, as cidades cresciam (ou explodiam) e se reorganizavam com melhores ou piores adaptações aos novos tempos, mudando completamente os espaços rurais ou semirurais do passado. Com preocupações que fazem eco às de Florestan Fernandes, Adrián Gorelik nota que, no continente latino-americano, outro aspecto do mesmo processo era a transformação das desigualdades e das violências daquele passado tradicional, pré-moderno, em novos tipos de desigualdades, com violências também atualizadas – destacando, novamente, as cidades como o lugar por excelência da concretização da modernidade (Gorelik, 2022). Nesse emaranhado de questões, os projetos de Moses para Caracas e São Paulo desempenharam um papel interessante, pois assumiram uma posição inequívoca dentro do debate, defendendo os valores da modernidade e prometendo um futuro glorioso para as cidades que abraçassem as propostas em questão. Nesse sentido, pelo menos do ponto de vista discursivo, havia a sugestão implícita de que a opção indubitável pela modernização significava também um distanciamento em relação ao rural e ao tradicional, ambos representantes do passado.

A rotinização de um futuro marcadamente urbano, com maior ou menor apagamento da ruralidade, passava pela afirmação e reafirmação constantes da modernidade – o que acontecia em diversas instâncias. Um exemplo importante da rotinização dessa perspectiva em relação ao Brasil e outros países da América Latina foram alguns trabalhos realizados pelo Museum of Modern Art (MoMA), em Nova Iorque.⁷ No início de 1943, o MoMA promoveu a famosa exposição “Brazil Builds”, na qual celebrava as construções barrocas e, sobretudo, a arquitetura modernista brasileira, com evidente entusiasmo em relação à perspectiva da modernização do país. Reafirmando esse ponto de vista, mas ampliando para todo o continente, doze anos depois, em 1955, o museu se debruçou sobre a arquitetura então contemporânea da América Latina, na

⁵ Para uma visão crítica das reformas sendo realizadas por Moses em Nova Iorque, cf. Berman, 1986.

⁶ Conforme os dados do IBGE, em 1950, a população urbana brasileira era de aproximadamente 19 milhões, enquanto a rural ultrapassava os 33 milhões. Em 1960, a população urbana alcançara 32 milhões e a rural 39 milhões. Apenas no censo de 1970 foi confirmada a inversão da maioria, sendo a população urbana então de 53 milhões e a rural de 42 milhões (IBGE, 2022). De acordo com as informações da Divisão de População do Departamento de Assuntos Econômicos e Sociais da ONU, em 1950, a população urbana da Venezuela correspondia a aproximadamente 47% do total dos venezuelanos – e a rural, portanto, 53%. Já em 1961, 67% da população venezuelana vivia em cidades, enquanto 33% habitava regiões rurais (United Nations, 2018).

⁷ Para a ideia de “rotinização”, especificamente articulada com o contexto em exame, cf. Botelho, 2008.

exposição “Latin American Architecture since 1945”. E, finalmente, embora já em outro contexto, em 2015, o MoMA mobilizou mais uma vez a mesma semântica com a mostra “Latin America in Construction: Architecture 1955-1980”.⁸

Em todas essas exposições, mas especialmente nas duas primeiras, aquele futuro marcado pela modernidade, urbanidade e transformações rápidas era em alguma medida celebrado. No catálogo da exposição de 1943, seu organizador, Philip Goodwin, descreve a intensa urbanização das principais cidades brasileiras da seguinte forma:

Muito antes do advento do governo Vargas, em 1930, apareceram no Brasil os primeiros ensaios de arquitetura moderna. De início modesto, coincidindo o movimento com uma verdadeira febre de construções, generalizou-se rapidamente. Quase que da noite para o dia, mudaram-se as feições de grandes cidades como Rio e São Paulo, onde a novidade tivera o acolhimento mais entusiástico (Goodwin, 1943, p. 81).

Destacando especificamente São Paulo, Goodwin, em um momento profético, conectava ninguém menos que Robert Moses (ainda distante quase uma década de suas intervenções na América do Sul) e o famoso prefeito de Nova Iorque, Fiorello La Guardia, com Francisco Prestes Maia – naquele contexto, prefeito de São Paulo e executor de uma ampla reforma urbana que reestruturava a cidade:⁹

São Paulo foi o bandeirante também do urbanismo. Aí surgiram os primeiros grandes planos de origem oficial. Os túneis 9 de Julho começaram a ser abertos em 1935. Estradas com passagem de nível nos cruzamentos, muitas asfaltadas, principiaram a ser construídas em 1920. Desde 1934, abrem-se avenidas novas, alargam-se ruas, constróem-se viadutos dentro do próprio coração da cidade. O seu atual prefeito, sr. Prestes Maia é engenheiro, uma combinação de Moses e La Guardia (Goodwin, 1943, p. 94).¹⁰

As articulações de Rockefeller e suas empresas, os projetos de Moses, as exposições do MoMA, as reformas do *Plano Rotival*, em Caracas, ou a implementação do *Plano de Avenidas* em São Paulo fazem parte de um grande programa de valorização da modernidade e de projeção de um determinado futuro – que, em meados do século XX, era entendido como desejável pelos setores dominantes do urbanismo em Caracas, São Paulo e Nova Iorque (González, 1996a; Zorek, 2024; Ballon; Jackson, 2008). Ainda assim, tal futuro não era unívoco. Alguns críticos de grande visibilidade – como o arquiteto Gustavo Guinand em Caracas (González, 2022), o urbanista Luiz de Anhaia Mello em São Paulo (Bresciani, 2010) e o historiador Lewis Mumford em Nova Iorque

⁸ Para uma análise cuidadosa dessas exposições, cf. Santos, 2019.

⁹ Prestes Maia, com carta branca da ditadura do Estado Novo para promover suas reformas, transformou São Paulo a partir de dois sistemas articulados de circulação. O “Sistema Y”, que conectava o centro e as periferias da cidade através de avenidas radiais; e o “Perímetro de Irradiação”, que estabelecia a primeira parte de um conjunto de avenidas circulares em torno do centro. No final de sua administração, o próprio Prestes Maia produziu um relato sobre as obras que promoveu na cidade: Prestes Maia, 1945.

¹⁰ Para uma discussão mais aprofundada sobre as aproximações e os distanciamentos entre Moses e Prestes Maia, cf.: Zorek, 2021.

(Miller, 1989) – assumiram uma postura de contestação a esse modelo de desenvolvimento urbano, propondo em seu lugar cidades completamente diferentes – polinucleadas, formadas por uma confederação de cidades-jardim, com limites populacionais e de verticalização bastante rígidos, organizadas em superquadras, cercadas por cinturões verdes, entre outras características – portanto, oferecendo futuros alternativos ao discurso dominante. Além disso, outras disciplinas que também se dedicavam a pensar as cidades – como a Geografia, a Sociologia, a História entre outras – alinharam-se às críticas ao metropolitanismo, elaborando outras possibilidades de futuro (algumas distópicas, inclusive), que complexificavam ainda mais os debates sobre as cidades e seus destinos.¹¹ Nessa ampliação dos debates, o futuro das grandes metrópoles passou a ser também cada vez mais imaginado como caótico, marcado por um trânsito paralisado, por toda a sorte de problemas de abastecimento – incluindo água, alimentos e energia –, crises de habitação e transporte frequentes, poluição galopante, sem contar a tendência ao aumento da desigualdade e da violência.¹²

Nesse sentido, analisar as disputas pelos futuros de Caracas e São Paulo, condensadas nos projetos de Robert Moses e disseminadas nas suas respectivas recepções, favorece um estudo comparado das cidades e suas representações, acompanhado de uma análise das elites dirigentes e, finalmente, coroado com uma história cruzada das disciplinas que discutiam as metrópoles.

Referências

- BALLON, H.; JACKSON, K. (ed.). **Robert Moses and the modern city: The transformation of New York**. Nova Iorque, Londres: W. W. Norton & Company, 2007.
- BENTHIEN, R. Por uma história cruzada das disciplinas: ponderações de ordens prática e epistemológica. **Revista de História (São Paulo)**, n. 179, pp. 1-26, 2020.
- BERMAN, M. Robert Moses: O mundo da via expressa. In: Idem. **Tudo que é sólido desmancha no ar: A aventura da modernidade**. São Paulo: Cia. das Letras, 1986. pp. 274-295.
- BOTELHO, A. Uma *sociedade em movimento* e sua *intelligentsia*: apresentação. In: BOTELHO, A.; BASTOS, E.; VILLAS BÔAS, G. (orgs.). **O moderno em questão: A década de 1950 no Brasil**. Rio de Janeiro: Topbooks, 2008. pp. 15-26.
- BOURDIEU, P. O ser social, o tempo e o sentido da existência. In: Idem. **Meditações pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007. pp. 253-300.
- BRESCIANI, M. Estudo da trajetória profissional do engenheiro-arquiteto Luiz I. R. de Anhaia Mello. In: SALGADO, I.; BERTONI, A. (orgs.). **Da construção do território ao planejamento das cidades: Competências técnicas e saberes profissionais na Europa e nas Américas (1850-1930)**. São Carlos: RiMa, 2010. pp. 150-165.

¹¹ Para o caso de São Paulo, na década de 1950, Florestan Fernandes representou um papel importante na ampliação do lugar da sociologia nos debates sobre as cidades. No mesmo período, Aroldo de Azevedo organizou os geógrafos da Universidade de São Paulo em um grande projeto coletivo, cuja pretensão era oferecer um estudo definitivo da cidade de São Paulo. Entre os historiadores, merecem destaque alguns trabalhos de Caio Prado Jr. e, em especial, a tese de doutorado de Richard Morse. Cf. Zorek, 2024. Para o caso de Richard Morse, cf. Castro, 2021.

¹² O discurso de Anhaia Mello é uma ilustração exemplar da retórica apocalíptica desenvolvida por esses urbanistas para representar negativamente o crescimento metropolitano que eles condenavam. Cf. Zorek, 2017.

CAMPOS, C.; SOMEKH, N. Relatório Moses (1950). In: SOMEKH, N.; CAMPOS, C. (orgs.). **A cidade que não pode parar: Planos urbanísticos de São Paulo no século XX**. São Paulo: Editora Mackenzie; Mackpesquisa, 2008. pp. 55-65.

CASTRO, A. **Um americano na metrópole latino-americana: Richard Morse e a formação de São Paulo**. São Paulo: Edusp, 2021.

Censo Demográfico 1950/2010: população por situação de domicílio (população presente e residente). In: IBGE. **Séries Históricas e Estatísticas**. Rio de Janeiro, 2022. Cód. CD91.

CHARTIER, R. O mundo como representação. **Estudos Avançados**, vol. 5, n. 11, pp. 173-191, 1991.

DIAS, M. **Um olhar transnacional para o problema habitacional: os projetos de conjuntos habitacionais para a América Latina da Internacional Basic Economy Corporation - IBEC (1947 - 1985)**. Tese em andamento (Doutorado em História) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, s/d.

DUARA, P. Transnationalism and the Challenge to National Histories. In: BENDER, T. (ed.). **Rethinking American History in a Global Age**. Berkeley and Los Angeles: University of California Press, 2002. pp. 22-44.

FERNANDES, F. Caracteres rurais e urbanos na formação e desenvolvimento da cidade de São Paulo [1954]. In: Idem. **Mudanças sociais no Brasil**. São Paulo: Global, 2008. pp. 180-206.

GONZÁLEZ, L. **Modernity and the City: Caracas, 1935–1958**. Tese (Doutorado em Cidade e Planejamento Regional) – Cornell University, Ithaca, 1996a.

_____. Modernity for import and export: The United States' influence on the architecture and urbanism of Caracas. **Colloqui: Cornell Journal of Planning and Urban Issues**, 11.a ed., pp. 64-77, 1996b.

_____. (org.). **La arquitectura en el siglo XX venezolano**. Caracas: Fundación para la Cultura Urbana, 2022.

GOODWIN, P. **Brazil builds: Architecture new and old, 1652-1942**. Nova Iorque: The Museum of Modern Art, 1943.

GORELIK, A. Historia de la ciudad e historia intelectual. **Prismas. Revista de historia intelectual**, n.3, pp. 213-224, 1999.

_____. **La ciudad latinoamericana: Una figura de la imaginación social del siglo XX**. Buenos Aires: Siglo Veintiuno Ed., 2022.

GORELIK, A.; PEIXOTO, F. (orgs.). **Ciudades sudamericanas como arenas culturales: Artes y medios, barrios de élite y villas miseria, intelectuales y urbanistas: Cómo ciudad y cultura se activan mutuamente**. Buenos Aires: Siglo XXI Editores, 2016.

GRECCO, G.; ALBERNAZ, C. Em que pensam os historiadores ao fazer história comparada? **Tempo e Argumento**, v.11, n. 28, pp. 240-260, set./dez. 2019.

KOSELLECK, R. O futuro passado dos tempos modernos. In: Idem. **Futuro passado: Contribuição à semântica dos tempos históricos**. Rio de Janeiro: Contraponto; Ed. PUC-Rio, 2006. pp. 21-39.

LEME, M. A presença norte-americana e a transformação de São Paulo no pós-guerra. In: LANNA, A. et altri (orgs.). **São Paulo, os estrangeiros e a construção das cidades**. São Paulo: Alameda, 2011.



MEYER, M; NEUMANN, R. (orgs.). **História, imagem e representação:** possibilidades de leitura. São Leopoldo-RS: Oikos, 2022.

MILLER, D. **Lewis Mumford:** A Life. New York: Grove Press, 1989.

Percentage of population in urban and rural areas, Venezuela (Bolivarian Republic of). 2018 United Nations, DESA, Population Division. Disponível em:

[https://population.un.org/wup/countryprofiles?country=Venezuela%20\(Bolivarian%20Republic%20of\)](https://population.un.org/wup/countryprofiles?country=Venezuela%20(Bolivarian%20Republic%20of))

Acesso em 07/07/2025.

PRESTES MAIA, F. **Os melhoramentos de São Paulo.** São Paulo: Prefeitura Municipal de São Paulo, 1945.

_____. O programa norte-americano de melhoramentos para São Paulo. **Digesto Econômico**, 77, vol.7, pp. 5-27, 1951.

SANTOS, F. **Em busca da América Latina e suas arquiteturas:** contextos, proposições e tensões nas exposições do MoMA – 1955 e 2015. Dissertação (Mestrado em Arquitetura) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.

SASSEN, S. The global inside the national: A research agenda for sociology. **Sociopedia.isa**, Madrid: University Complutense, 2010.

SIWI, M. Urban Renewal North and South: The Case of São Paulo and New York During and After WWII. **Rockefeller Archive Center**, Research Report, 2014.

TOTA, A. **O amigo americano:** Nelson Rockefeller e o Brasil. Cia. das Letras: São Paulo, 2014.

WERNER, M.; ZIMMERMANN, B. Beyond Comparison: Histoire Croisée and the Challenge of Reflexivity. **History and Theory**, 1, v.45, fev., pp. 30-50, 2006.

WIMMER, A.; SCHILLER, N. Methodological nationalism and beyond: nation-state building, migration and the social sciences. **Global Networks**, 2, v.4, pp. 301-334, 2002.

ZOREK, B. Um futuro alternativo para São Paulo: Anhaia Mello e a tese da limitação do crescimento da metrópole. **Cadernos de História**, v. 18, n. 28, pp. 245-269, 2017.

_____. O futuro de São Paulo por Francisco Prestes Maia e Robert Moses. In: PEIXOTO, F. et. altri (orgs.). **Artes, saberes, antropologias.** Goiânia: Cegraf UFG, 2021. pp. 66-92.

_____. **O futuro de São Paulo na década de 1950.** Lisboa: Imprensa de História Contemporânea, 2024.